

## HEROÍSMO UCRANIANO PODE DESMORONAR E LEVAR AO FRACASSO

---

*Por Daniel Davis\**



*Soldados ucranianos participam de treinamento a cerca de 10 km da fronteira com a Rússia e a Bielorrússia, em Chernihiv, norte da Ucrânia, em 2 de fevereiro de 2023 (Kyodo News via Getty Images).*

---

*Não pairam dúvidas sobre o valor dos ucranianos em combate, mas se Zelensky e Putin decidirem continuar a guerra, não há nenhuma base racional que sugira que a Ucrânia possa sair vencedora.*

---

**E**m Washington, Bruxelas e Kiev, um fluxo interminável de funcionários governamentais, militares e líderes de opinião declaram frequente e desafiadoramente que apoiarão a Ucrânia na sua luta contra a invasão ilegal da Rússia “durante o tempo que for necessário”. O objetivo da guerra, segundo o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, é expulsar todos os russos do território ucraniano. Perante a evidência crescente e esmagadora de que não existe um caminho militar viável para uma vitória ucraniana, é mais provável que tal desafio e confiança causem danos do que ajudem.

Longe de permitir que a Ucrânia ganhe a guerra, o resultado mais provável de continuar a lutar resolutamente é condenar o bem mais valioso de Kiev – o seu povo – a níveis de perda cada vez maiores. Fornecer apoio geral a um país para que possa continuar a travar uma guerra que muito provavelmente perderá é, na minha opinião, imoral.

Se realmente nos preocupamos com o povo da Ucrânia, é hora de traçar um novo caminho a seguir – e antes que milhares ou dezenas de milhares de ucranianos

paguem desnecessariamente o sacrifício final na perseguição de um objetivo militarmente inatingível.

Passei a maior parte da minha vida adulta preparando-me para a guerra, participando de combates de alta intensidade ou analisando conflitos em curso. Durante minhas quatro missões de combate, fui alvejado, bombardeado ou atacado inúmeras vezes. E tenho visto, em demasiadas ocasiões, a devastação e a tristeza – os chamados danos colaterais – impostas a homens, mulheres e crianças, indefesos, apanhados entre as partes em conflito. É um desperdício flagrante de vidas humanas.

Admitirei desde já que, em qualquer guerra travada ativamente, não há garantias de qualquer resultado. É teoricamente possível que Kiev possa vencer, Moscou possa vencer, ou que o conflito degenere em um impasse sangrento de duração indefinida. No entanto, com base na minha experiência pessoal tanto com treinamento em tempos de paz como com operações de combate real, avalio, com elevado grau de confiança, que as hipóteses de a Ucrânia atingir os objetivos de Zelensky são tão remotas que se tornam irrealistas.

Neste momento, nem em Kiev nem em Moscou há vontade de sequer contemplar negociações para acabar com a guerra. Tanto Zelensky como o presidente russo Vladimir Putin estão endurecidos, cada um aparentemente acreditando que com tempo suficiente, seu lado pode reunir um número suficiente de pessoal treinado, plataformas blindadas, poder aéreo e munições para prevalecer no campo de batalha. As probabilidades são fortes de que nenhum dos dois esteja correto.

Quer a Ucrânia e a Rússia cheguem a um acordo agora, daqui a um ano ou daqui a cinco anos, o resultado final será provavelmente o mesmo: um fim negociado em que nenhum dos lados consiga tudo o que pretende. Cada atraso em chegar a esse ponto condena incontáveis milhares de pessoas a mortes desnecessárias.

O meu colega Rajon Menon, que fez três viagens à Ucrânia desde o início da guerra, reuniu-se com civis, funcionários do governo e tropas de combate nas linhas de frente. Os cidadãos de uma nação que foi invadida enfrentarão esforços notáveis para resistir, disse-me ele em um e-mail recente, “suportando perdas que os estrangeiros podem considerar irracionais”.

As guerras só terminam, continuou ele, quando um dos lados chega ao ponto em que conclui que “é melhor fazer um acordo do que sofrer perdas adicionais”.

“Nem uma só pessoa, soldado ou civil, que conheci em qualquer uma das minhas visitas à Ucrânia durante a guerra”, observou ele sombriamente, “disse que a morte e a destruição tinham se tornado tão graves que fosse o momento de conversações e de um acordo envolvendo concessões territoriais.”

Com base em vários canais russos do *Telegram* que li, a opinião de muitos na Rússia parece refletir tais opiniões. É virtualmente certo, portanto, que sem que algo altere a dinâmica a partir do exterior, a guerra prosseguirá inconscientemente num futuro próximo.

Se uma análise racional e sem emoção do equilíbrio de poder entre a Rússia (com os seus poucos apoiadores) e a Ucrânia (com o apoio de 50 nações) sugerisse um caminho válido para a Ucrânia atingir os objetivos de Zelensky através de meios militares, seria razoável que os Estados Unidos deveriam continuar a apoiar as Forças Armadas Ucrânicas “durante o tempo que for necessário”. Não que fosse necessária uma garantia de sucesso. Talvez apenas 25% de chances de sucesso fossem suficientes. Nações e soldados totalmente empenhados tiveram por vezes sucesso contra grandes probabilidades.

Mas esses casos são raros.

A grande maioria das grandes guerras foi previsivelmente vencida pelo lado que detém ao seu lado os fundamentos do poder de combate. Neste caso, isso significa a Rússia.

Cathal J. Nolan, autor do livro *The Allure of Battle: A History of How Wars have been Won and Lost*, de 2017, argumenta que sua pesquisa de estudo de guerras ao longo de muitos séculos revela que a maioria dos grandes conflitos entre estados não são decididos pelo lado moralmente correto, ou o que tem o moral mais elevado, ou mesmo que lado emprega os melhores comandantes. “As guerras são vencidas com esforço, não com gênio”, explicou Nolan.

“A celebração de generais geniais encoraja a ilusão de que as guerras modernas serão curtas e vencidas rapidamente”, explicou ele, “quando na maioria das vezes são longas guerras de desgaste. A maioria das pessoas acredita que o atrito é imoral. No entanto, é assim que a maioria das grandes guerras são vencidas.”

Da mesma forma, um estudo de pós-graduação naval de 2015 analisou mais de 600 batalhas em todo o mundo, do século XV ao século XX. Os pesquisadores descobriram que as relações de força – o lado com mais tropas e equipamento – foram um dos maiores fatores na determinação do vencedor. O estudo também constatou que nos últimos séculos, o lado com mais artilharia, e no século XX o lado com mais tanques, tendia a vencer. A Rússia tem mais tropas disponíveis, mais tanques e mais artilharia do que a Ucrânia provavelmente poderá utilizar (sem mencionar uma vantagem duradoura em poder aéreo e defesa aérea).

Com base em precedentes históricos, então, quanto mais esta guerra continuar, maiores serão as hipóteses de a Rússia vencer. Isso não deve nada ao brilhantismo ou à superioridade na capacidade de combate. Pelo contrário, a conclusão assenta no cálculo banal da vasta superioridade dos recursos naturais e humanos da Rússia sobre os da Ucrânia. A Rússia tem uma população que é agora cinco a sete vezes maior que a da Ucrânia (devido aos territórios perdidos e às pessoas que fugiram da Ucrânia). Embora as sanções tenham tido um efeito limitante na capacidade de Moscovo de produzir armas e munições, a Rússia ainda tem uma robusta capacidade industrial militar que deverá crescer ao longo do tempo.

Se esta guerra se transformar simplesmente em uma disputa de desgaste, e se tanto Zelensky como Putin decidirem continuar a lutar, não há nenhuma base racional que sugira que a Ucrânia possa sair vitoriosa. Dito sem rodeios, continuar a apoiar a Ucrânia em uma guerra de desgaste contra a Rússia provavelmente

condenará dezenas ou mesmo centenas de milhares de vidas ucranianas, convidará à destruição de ainda mais cidades ucranianas e, no final, proporcionará uma vitória militar a Putin.

No mínimo, o Ocidente deveria estar altamente motivado a pôr um fim a este conflito através de uma solução negociada em que Putin terá de se contentar com menos do que exigências maximalistas. Mas, moralmente, o Ocidente não deve continuar a avançar em uma tentativa vã de alcançar o objetivo militarmente inatingível de uma vitória da Ucrânia – especialmente quando esse apoio resultará muito provavelmente apenas na perda inútil de vidas e territórios ucranianos.

Ou admitiremos as realidades desagradáveis de como as guerras são travadas e vencidas e procuraremos nos empenhar num esforço diplomático para obter o que for possível para a Ucrânia, ou ignoraremos as provas que não nos agradam e pressionaremos cegamente por uma vitória que provavelmente nunca chegará.

Temo saber o que escolheremos.

Publicado no [19FortyFive](#).

---

*\*Daniel L. Davis é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA, tendo sido enviado a zonas de combate quatro vezes. É autor de "The Eleventh Hour in 2020 America".*

---